

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

*A formação do Lago Paranaíba e suas influências no
município de Tupaciguara*

*Jovaine Esteves da Silva Júnior
Universidade Federal de Uberlândia
Dezembro/2008*

326
3743
S.9 (C)

JOVAINE ESTEVES DA SILVA JÚNIOR

A formação do Lago Paranaíba e suas influências no município de Tupaciguara

Monografia Apresentada como requisito parcial para graduação no curso de História, sob orientação do professor Miguel Rodrigues de Sousa Netto, do Instituto de História/UFU.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
DEZEMBRO/2008

BANCA EXAMINADORA

MS. Sandra Alves Fiúza

MS.Cássio Rodrigues da Silveira

MS..Miguel Rodrigues de Souza Netto

Agradecimentos

A Deus

“ Quem me deu o dom da vida, me concedeu a sabedoria e a coragem de nunca desistir dos meus objetivos, cabe o Vosso amor e Vossa Glória, a mim só cabe agradecer.”

Aos meus pais

*De vocês só tenho agradecer pela vida que me proporcionaste. Que aceitaram os meus defeitos e fraquezas e me presentearam com o maior dos presentes : o Estudo
Hoje, busco entre palavras uma simples maneira de dizer: Obrigado.*

Aos professores.

Minha eterna gratidão a todos os professores pela dedicação e paciência. Em especial ao Professor Miguel, pela compreensão e apoio em minhas dificuldades.

Sumário

<i>Introdução</i>	<i>01</i>
<i>Capítulo 1 – Uma breve história do município de Tupaciguara.....</i>	<i>05</i>
<i>Capítulo 2 – A construção da represa de Furnas.....</i>	<i>15</i>
<i>Capítulo 3 – A visão da sociedade da com relação à represa de Furnas.....</i>	<i>24</i>
<i>Considerações finais.....</i>	<i>39</i>
<i>Referências bibliográficas.....</i>	<i>42</i>
<i>Anexos.....</i>	<i>44</i>

Introdução

Os anos 80 trouxeram mudanças significativas ao município de Tupaciguara, pois, a população, que até então vivia isolada na zona rural, foi deslocada de suas terras, mudando assim, sua vida social, cultural e econômica. O alagamento do Rio Paranaíba para a construção da Usina de FURNAS em Itumbiara, cidade goiana, significou muitas mudanças para aquele município e pelo que poderemos perceber ao longo da pesquisa, significou também, um retrocesso econômico.

Buscar bases para a pesquisa na história local demonstra um grande desafio, pois, infelizmente, as fontes são restritas e as que existem estão em péssimas condições de conservação. Hoje, o município ainda não conta com um departamento responsável para garantir a preservação histórica e cultural da cidade.

Notamos ao longo da pesquisa que as autoridades locais pouco se preocupam com a preservação dos documentos de época e com as arquiteturas mais antigas, que por sinal estão em ruínas ou estão sendo derrubadas para dar lugar a construções modernas. Dessa forma, vimos que nossa memória com certeza também está sendo apagada e as futuras gerações, possivelmente, não obterão conhecimento sobre o nascimento do município.

Considerando essas grandes deficiências nas fontes literárias que tratam do objeto de estudo, julgamos necessário considerar as poucas obras de memorialistas que tratam do histórico do município, apesar de muito escassas do específico tema. Serão considerados também, alguns periódicos editados que disponham sobre o tema. No entanto, nos basearemos grande parte da pesquisa nas fontes orais, as quais irão somar para a identificação histórica do processo em pauta, pois ainda há no município testemunhas ligadas diretamente ao processo do alagamento e à construção da Usina de Furnas.

Para este escopo, será investigada a sociedade em geral, as associações e os políticos locais que se relacionaram com o objetivo deste estudo, pois, todos esses dados serão usados e admitidos após o confronto das informações. Os dados e fatos descobertos nos depoimentos e entrevistas servirão de base para que possamos compreender a situação atual do município, considerando as conseqüências do alagamento.

Podemos afirmar a importância do registro da história local nas palavras de Samuel:

[...] a história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito imediata do

passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes e seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais: o impacto da mudança tem de ser medido por suas conseqüências para certos domicílios. Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam à disposição no local ou a estrutura não se manterá.¹

Diante disso, cabe ao historiador explorar todas as informações extraídas do pouco que se encontra sobre a história local do município, com um olhar investigativo que possa dar à pesquisa uma visão lógica da situação na qual o município se encontra hoje e, principalmente, que essa pesquisa seja apenas o início de várias obras que surgirão, com o objetivo de preservar e propagar a história local, conseqüentemente mantendo nossa memória viva.

O olhar do pesquisador tem que ser capaz de identificar numa fala, num documento, numa imagem, entre outras fontes, os conflitos, os jogos de poder que fizeram com que a história local tenha se tornado tão insignificante pelo poder público local e pela sociedade em geral, pois, infelizmente a história do município é vista por todos como algo que permaneceu num remoto passado e não interessa a mais ninguém. As pessoas em geral vivem preocupadas com o presente correndo no seu dia-a-dia e nem ao menos reconhecem que estão construindo a sua própria história e sempre farão parte dessa história a qual julgam ser, apenas, parte de fatos passados.

As palavras de Arantes confirmam a importância de se registrar um fato:

Um marco remete a outro, logo em seguida, na cidade onde se viveu por um longo tempo. A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, estabelece relações. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar.²

¹ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasiliense de História*, São Paulo, V.9, n.19, p.220, 1990.

² ARANTES. Neto, Antônio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

Diante dessas considerações podemos afirmar que a pesquisa tem como proposta uma análise das conseqüências que o município de Tupaciguara sofreu após a inundação do Lago Paranaíba. Tais mudanças, transformações e perdas estão descritas ao longo da pesquisa.

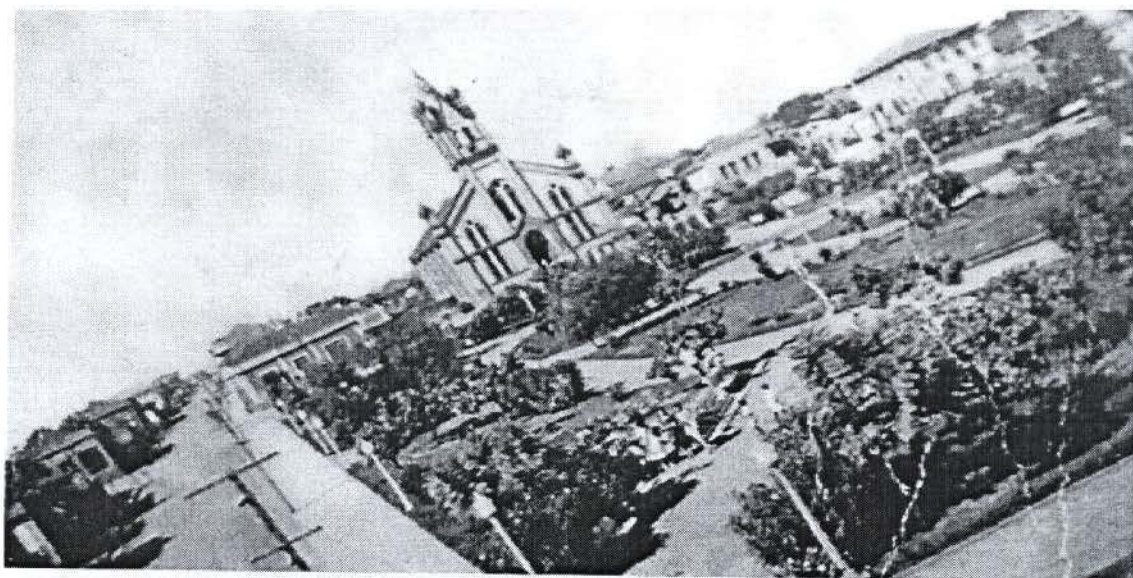
A pesquisa enfrenta grande dificuldade com relação às fontes para explorar o assunto proposto, porém, será extremamente importante a história oral, pois, através das entrevistas poderemos compreender um pouco sobre o momento atual da cidade. Durante a pesquisa foram feitas entrevistas orais e escritas com os cidadãos, turistas, políticos locais que viveram e vivem a realidade e as implicações derivadas do objeto deste estudo.

A pesquisa se divide em três capítulos, sendo que o primeiro refere-se a uma breve história do município de Tupaciguara um tanto quanto descritiva, a qual mostra o pouco que se tem sobre as origens da cidade, sua fundação, os personagens envolvidos, suas características geográficas, econômicas, sociais e culturais. Nesse capítulo ainda há a preocupação de mostrar que o descaso das autoridades públicas está deixando o município sem memória histórica.

O segundo capítulo trata de mostrar como se deu a formação da Usina de FURNAS de modo geral e em especial as características principais da Usina de Furnas da cidade de Itumbiara-GO visto ser esta a Usina que mais nos interessa. Devemos levar em consideração que foi a partir dessa construção que o município sofreu várias mudanças, principalmente no campo econômico, social e cultural.

O terceiro capítulo é considerado o mais importante, pois, trata de fazer uma relação e cruzamento de todos os dados recolhidos ao longo da pesquisa, ou seja, há um confronto de opiniões nas entrevistas e fontes sobre o alagamento no município, deixando claro, seus pontos positivos e negativos.

Ao longo da pesquisa vamos perceber que os personagens envolvidos no objeto de estudo têm interesses próprios também, que irão influenciar decisivamente na conclusão da pesquisa, pois, a pesquisa será em grande parte baseada nas fontes orais, já que há uma deficiência muito grande de fontes escritas sobre a história do município. Serão, então, confrontadas todas as informações coletadas e avaliadas em sua pertinência e a partir daí, serão aquiescidas com a história do objeto e será tomada a ciência do contexto em que este se situa.



Capítulo 1
Uma breve história do município de
Tupaciguara

No ano de 1845 por meio de Dona Maria Teixeira³, natural do estado vizinho de Goiás, juntamente com seu marido Manoel Pereira da Silva e amigos do casal, foi construída uma rústica capela em honra e louvor a Nossa Senhora da Abadia devido à devoção pela Virgem Maria. O que ninguém poderia imaginar é que tal ato daria origem a um município.

Diante desse ato do casal, iniciou-se a fundação e história de um arraial que um dia viria a ser nomeado Tupaciguara. A capela foi o atrativo para as pessoas da localidade rural, tornando-se um esboço de um arraial nascente.

A partir de 1843 já era considerado um arraial denominado “Abadia do Bom Sucesso”. Obteve ainda outra denominação “Abadia de Monte Alegre”, devido ao fato do arraial pertencer juridicamente à Comarca de Monte Alegre, porém foi definitivamente escolhido o nome “Abadia do Bom Sucesso”.

O desenvolvimento do arraial se deu de forma lenta, sem alterações significativas, tanto que se passaram 70 anos da construção da capela para que os habitantes do “Arraial da Abadia do Bom Sucesso” desejassem a conquista da liberdade política e a autonomia administrativa.

Tal conquista só foi possível a partir da lei estadual nº556 de 30 de Agosto de 1911, que autorizou a criação do município da Abadia do Bom Sucesso, portanto, desmembrou-se o arraial do município de Monte Alegre, elevando-se à categoria de vila. Tal benefício se deve a Júlio Bueno Brandão, presidente do Estado de Minas Gerais na época.

A instalação do novo município se deu efetivamente, a primeiro de junho de 1912, quando se verificou a posse da primeira Câmara Municipal, eleita por sufrágio popular em 31 de março de 1923 pela lei Nº 843 do Congresso Estadual. Foi mudada a denominação do município de

³ KENT, Dennis, 2002.

Abadia do Bom Sucesso para Tupaciguara que em Tupi Guarani significa “Terra da Mãe de Deus”.

O município de Tupaciguara conta hoje com um pouco mais de 25 mil habitantes, zona rural e urbana, segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Está situado no norte do Triângulo Mineiro, tendo como vizinhos os municípios: Monte Alegre de Minas (distância de 66Km por asfalto), Uberlândia (67Km de distância), Araguari (64Km de distância), Araporã (54Km de distância) e ainda a cidade do estado de Goiás, Itumbiara, (65Km de distância).

Localiza-se à 607Km de Belo Horizonte e 527Km de Brasília (via Itumbiara). Suas coordenadas geográficas são: 18° 35” 49” latitude e 48° 41” 59” longitude. Seu relevo é diversificado, refletindo não só a variação litológica estrutural existente, como também o controle desta sobre efeitos do clima passado e presente.

Seu clima enquadra-se no Ace pela classificação de Köppen. As médias térmicas são de 24° e 25° C nos meses quentes e 19°C nos meses frios. Os verões são bem quentes e os invernos brandos, a vegetação natural do município é composta pelas florestas xeromorfas (cerradões), cerrado tropical caducifólio, floresta tropical subcaducifólia e por matas galerias e veredas. As chuvas concentram-se nos meses de outubro a março. Sua economia depende basicamente da agricultura, na qual destacamos o cultivo de soja e das pastagens.

A formação étnica da cidade originada por Dona Maria Teixeira se deu com a influência dos sírios, turco-libaneses, italianos, japoneses, portugueses, alemães e outros imigrantes que nela radicaram. Grande parte do desenvolvimento comercial e social do município se deve a presença desses imigrantes.

A vida social de Tupaciguara não se difere das pequenas cidades de Minas Gerais, hábitos e culturas inicialmente voltados para uma população que se concentrava na área rural. Porém,

segundo as tendências do êxodo rural, as pessoas começaram a se deslocar para área urbana, contribuindo assim, para o desenvolvimento urbano do município. Mesmo após esse deslocamento do campo para a cidade, hoje, o município ainda tem sua base econômica caracterizada pelo desenvolvimento do meio rural.

O município é caracterizado culturalmente e socialmente por suas festas tradicionais de caráter religioso e folclóricas. São freqüentes até os dias de hoje festas da Padroeira Nossa Senhora da Abadia, São Cristóvão, Divino Pai Eterno, Nossa Senhora da Aparecida, Folia de Reis, entre outras. Essas festas se desenvolvem por meio de novenas, barraquinhas, leilões de prendas e de animais (bovinos e suínos) envolvendo também a participação da banda municipal, saudosas alvoradas e artistas locais.

Não podemos deixar de mencionar as famosas festas juninas (Santo Antônio, São Pedro e São João) com quadrilhas, fogueiras, queima de fogos e comidas típicas. Hoje, essas festas concentram-se nas festividades escolares e na praça pública principal, fazendo parte da tradição da cidade.

O carnaval já se tornou um destaque cultural do município iniciado no passado com os bailes no clube e atualmente com carnaval de rua, que todos os anos se concentra na praça pública principal, atraindo cada vez mais visitantes de cidades vizinhas e distantes.

São essas atrações que reúnem a população do município durante o decorrer do ano, entre um mês e outro são eventos culturais desse caráter que movimenta a vida social e cultural dos habitantes.

Apesar do pouco incentivo ao esporte, o município oferece alguns campeonatos de futebol entre os bairros da cidade, o que movimenta grande parte da população durante algumas semanas do ano.

A cidade sempre contou com jornais periódicos (desde 1928) ainda que com limitações, naturais da cidade do interior, porém, com objetividade, dedicação e competência:⁴

“O Tupacyguareense” (1928) editado por Delfim Pereira.

“O Ipyranga” (década de 40 e 50) editado por Radech Mussy.

“O Tupaciguara” (década de 50 e 60) editado por José Maria da Costa.

“O Independente” (década de 1970 até a data de hoje), editado por Rodrigo Dias e atualmente por Gilberto Motta.

“O Popular” (década de 90 até a data de hoje) editado inicialmente por Ângela Piqui e hoje desativado.

O município também se destaca por sua preocupação com a educação, que causa admiração pela quantidade de universitários em proporção à população do município. Hoje conta com transporte diário para cidades vizinhas de Uberlândia, Itumbiara e Araguari onde os jovens freqüentam os mais diversos cursos superiores. Além disso, o município conta também com uma sede da UNIPAC - Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Tupaciguara, que oferece vários cursos superiores àqueles jovens que preferem permanecer com seus estudos na cidade.

Com relação ao turismo, o município possui um grande potencial, mas infelizmente, ainda falta projetos eficientes que façam esse setor deslancar. Existem vários pontos turísticos no município, os quais se tivessem o interesse e investimento dos governantes locais se tornariam sinônimo de grande riqueza para o município. Porém, inegavelmente, temos o Lago da Represa de Furnas (Represa de Itumbiara) que representa o maior ponto turístico, hoje em Tupaciguara.

O município sempre manteve um estreito contato com o Estado de Goiás, com qual faz divisa, pela ponte construída sobre o Rio Paranaíba. Minas Gerais punha-se mais uma vez em

⁴ KENT, Dennis.2002

contato com o povo goiano que lhe foi muito familiar, e que passa a dividir uma situação – farta de novidades, problemáticas e possibilidades geográficas, ecológicas, econômicas, culturais e sociais, após a submersão da ponte na represa construída pela hidrelétrica de FURNAS.

O Lago da Represa cobre uma área do município de 373,4 Km² muito fértil (consideradas as melhores terras do Triângulo Mineiro) resultado da decomposição, principalmente de diabásios. É também, muito rico na ictiofauna e na beleza (a Empresa de FURNAS povoou o lago com espécies da fauna Amazônica, Tucunaré, principalmente.

Além do Lago da Represa possui o município, algumas Cachoeiras (do Rio Bonito Juca Cunha, do Brilhante ou Cachoeira dos Costa e Cachoeirinha de Monte Alegre) muito bonitas, com vários tombos e ótimas para a prática do “Rapel”.

Há no município algumas grutas importantes e sítios arqueológicos. A exploração até o momento, do turismo, principalmente ecológico, é muito tímida, porém se houvesse mais interesse dos administradores locais e parcerias com órgãos direcionados ao turismo e meio ambiente, com certeza poderia ocorrer uma transformação efetiva no setor turístico do município.

O município oferece um potencial turístico com capacidade para se tornar uma indústria geradora de riqueza e progresso, porém isso depende de atitudes administrativas locais.

A história do município não conta com registros adequados, ou seja, ao menos até então com nenhuma obra de caráter propriamente “histórico”, conta, com obras e fragmentos de sua história escritos por memorialistas em páginas fartas de uma carga de subjetividade, emoção e personalismo. Porém, são indispensáveis para esse trabalho.

Devemos ressaltar que apesar do grande potencial que o município possui, enfrentamos graves problemas que impedem seu o crescimento econômico, como por exemplo, a falta de investimentos na cidade que direcionam as vagas de empregos praticamente para área rural e para o comércio local. Não há ainda uma infra-estrutura para o distrito industrial, apesar da existência

de algumas indústrias no município ainda não há capacidade para absorver a grande quantidade de pessoas em busca de trabalho.

O município passa por um momento de queda do número de habitantes, pois a cada ano, a maioria dos jovens sai para as grandes cidades em busca de melhores oportunidades, já que o município não oferece um mercado de trabalho promissor. Levando em consideração que o município investe na educação superior através da ajuda de transporte para as cidades vizinhas e a existência de uma faculdade local, ao mesmo tempo é contraditório, pois, a cada ano formam-se jovens tupaciguarenses nas mais diversas áreas profissionais, mas estes, infelizmente, deverão trilhar outros caminhos, pois o município não poderá direcioná-los no mercado de trabalho local.

Hoje o município conta com grande espaço para área industrial, porém falta infraestrutura para instalação de indústrias. Em funcionamento existem apenas duas indústrias de pequeno porte, ainda falta investimento na área de saneamento básico, incentivos políticos e fiscais para que proporcione a chegada de novas indústrias. O que vimos acontecer é que a cada mandato políticos e governantes prometem investir na área industrial e o que acontece é o descaso total e abandono dos projetos iniciados, deixando a população na esperança de ver a chegada de mais indústrias para o município.

De quatro em quatro anos a população tupaciguarense aguarda os projetos de crescimento do município por meio de indústrias, projetos culturais, sociais, escolas técnicas principalmente na geração de empregos que são promessas de décadas pelos políticos locais. Porém o que vimos acontecer são rivalidades entre políticos que vão além dos interesses do município. Esse é um dos grandes fatores que impedem o crescimento do município, a falta de comprometimento com os projetos do governo anterior.

Podemos notar no trecho da entrevista com o ex-prefeito Alexandre Berquó Dias, que as autoridades políticas de tempo em tempo se revezam no poder público, mas continuam com

rivalidades ao invés de dar continuidade aos projetos que irão promover o desenvolvimento do município.

O processo político de Tupaciguara não corta os incentivos, corta a cabeça de alguém que quer fazer alguma coisa, ele corta a língua de quem quer falar alguma coisa, corta as pernas de quem quer caminhar. Portanto, se não ajudasse, mas também não atrapalhasse talvez as coisas estivessem caminhando melhor do que estão hoje. Mas eles fazem o contrário, atrapalham ao invés de incentivarem, essa é realidade que eu vejo hoje.⁵

A cada mudança administrativa no município vimos que todos possuem projetos bons e que poderiam impulsionar a cidade em setores econômicos, sociais, esportivos, turísticos entre vários outros, porém a mentalidade política dos nossos governantes é voltada para criticar os projetos deixados e iniciar novos que na maioria das vezes não serão concluídos até o final do mandato. Dessa forma, podemos compreender o porquê do município estar estagnado, sem ter o que oferecer a nossos jovens.

Ao contrário, se formos analisar a cidade de Tupaciguara, vamos notar que desde cedo se posicionou como uma cidade progressista, que se destacava como uma das cidades que mais contribuía com estado de Minas Gerais, pelo surto de progresso que surgia a cada dia,⁶ o que pode ser constatado pelos empreendimentos comerciais e industriais de porte nas décadas anteriores. Na década de 60, Tupaciguara era uma cidade em pleno desenvolvimento econômico, se destacando por vários ramos comerciais tais como: Banco hipotecário Agrícola de Tupaciguara, Citusa e Agena (armazéns de cereais), Banco crédito Real, Posto Esso, Indústria Caninha Quero mais, concessionária da Ford, Posto Atlantic, Ceres Ltda (cerealista), Cerealista

⁵ ANEXOS. Entrevista com ex-prefeito Alexandre Berquó Dias.

⁶ Documentário – Tupaciguara Terra da Mãe de Deus. 1960. Metrópole: filmes do Brasil.

Tupaciguara Ltda, Cerealista Triângulo Ltda, Fábrica de tacos, Cerâmico Bom Sucesso, Cerealista Vilela Ltda. Vários pontos comerciais se destacaram também nesse período como lojas Royal, Nova América, Sapataria Morena, Armazém Lopes (atacado e varejo), Casa Silva, entre outros que promoveram grande progresso para Tupaciguara, no entanto não existem mais.⁷

Nas décadas posteriores à de 60 notamos que a cidade ficou um tanto quanto paralisada no ramo da indústria e do comércio, pois, o fechamento de vários pontos comerciais e indústrias provocou uma lentidão econômica que se segue até os dias atuais.

Tupaciguara está localizada em um ponto estratégico, divisa com o estado de Goiás e divisa com um grande centro comercial que é a cidade de Uberlândia. A idéia sobre a privilegiada posição geográfica poderia servir de incentivo aos políticos locais para torná-la em um importante entreposto comercial e criar assim uma mentalidade dinâmica que pudesse trazer para o município capital e investimentos nos mais diversos setores.

Com o passar dos anos, as elites mantiveram-se no poder político local e a sociedade como um todo se manteve pacífica e coesa diante de todos os atos dessa elite. O município é caracterizado por uma sociedade disciplinada de ponta a ponta, onde nenhum questiona sobre os projetos que não saem da gaveta nem sobre as irregularidades ocorridas nos mais diversos setores administrativos. Dessa forma, no município, não existem conflitos entre a sociedade e as elites do poder público.

A história do município ainda é pouco divulgada, pois, não há obras específicas sobre a história de Tupaciguara. Daí, surge a necessidade de buscar fatos do passado que possam explicar a situação do município hoje em vários setores. Há uma necessidade de buscar memória

⁷ Documentário – Tupaciguara Terra da Mãe de Deus. 1960. Metrôpole: filmes do Brasil.

oficial, ou melhor, talvez questioná-la para que possamos, aos poucos, conhecer o desenrolar dessa história local e suas conseqüências.

Deveria existir uma preocupação maior do poder público em registrar a história local, pois, aos poucos a arquitetura da cidade vem se modificando e nada está sendo preservado. Apesar do crescimento lento do município estamos vendo aos poucos a nossa história ser destruída sem a menor preocupação em registrar fatos, muito menos a preservação arquitetônica de alguns prédios locais. Dessa forma, a história de Tupaciguara, se for contada um dia, a fundo, só será escrita a partir da perspectiva do hoje, sem levar em conta construção histórica.



Capítulo 2

A construção da represa de Furnas

FURNAS nasceu estimulada por um desafio: sanar a grave crise energética que ameaçava de colapso, no final da década de 50 e início da década de 60, os três principais centros socioeconômicos brasileiros. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Com o objetivo de construir e operar a primeira usina de hidrelétrica de grande parte do Brasil (1.1216 MW), foi criada em 28 de fevereiro de 1957, através do Decreto Federal nº 41.066, a Central Elétrica de FURNAS.⁸

Para suprir a realização de vários empreendimentos da região metalúrgica do centro de Minas Gerais, do litoral da Região metalúrgica do centro de Minas Gerais e do litoral da região Rio-São Paulo, a barragem de FURNAS, localizada no Rio Grande, se apresentava como a grande solução. Aproveitando o potencial hídrico do rio, que corta a região Sudeste parte nas divisas de São Paulo e Minas Gerais, a Empresa fincou na barragem de FURNAS seu primeiro passo para revolucionar a política energética do país.

A usina começou a funcionar em 1963, com sede em Passos, cidade mineira próxima ao local da barragem. Em 1º de junho de 1971, a sede foi transferida para o Rio de Janeiro e a Empresa passou a se chamar FURNAS Centrais Elétricas S.A., para melhor expressar sua proposta: construir um conjunto de centrais elétricas e não uma única usina.

FURNAS atua há quase meio século nas áreas de geração, transmissão e comercialização de energia elétrica. A empresa garante serviço essencial de fornecimento de energia elétrica para 49% das famílias brasileiras e é responsável pelo atendimento de empresas que produzem nada menos que 68% do PIB brasileiro. FURNAS conta, hoje, com um complexo de dez usinas hidrelétricas, três termelétricas, mais de 18 mil km de linhas de transmissão e 43 subestações.

A capacidade de geração instalada da Empresa é de 9.292 MW, que representa aproximadamente 15% do total da geração de energia do país. Através de cinco linhas de transmissão que cruzam 900KM desde o estado do Paraná até São Paulo, FURNAS transporta 12.600MW gerados pela maior usina hidrelétrica do mundo - Itaipu.

O alto nível técnico de FURNAS, adquirido durante quatro décadas e aprimorado pelo talento de seus empregados, tem sido levado para países da América do Sul, África e Ásia. A expansão de negócios também é verificada no mercado brasileiro, consolidando a marca da Empresa como paradigma de excelência no setor energético nacional.

⁸ www.furnas.com.br

FURNAS tem gradativamente ampliado sua missão. A empresa desenvolve diversos programas que visam preservar a biodiversidade dos ecossistemas nos sete estados onde atua e no Distrito Federal. FURNAS também vêm destacando-se na realização de projetos de preservação do patrimônio arqueológico, histórico-cultural, conservação de energia, em ações sociais e de apoio à cultura brasileira.

O sistema de Geração e Transmissão de FURNAS, que se constitui em verdadeira espinha dorsal que suporta o abastecimento de energia elétrica à vasta região do país, expandiu-se pela necessidade de integração das diversas hidrelétricas aos centros consumidores, utilizando-se tecnologia de ponta, como na introdução, pioneira no Brasil, das tensões 345 e 500KV.

Em decorrência da experiência adquirida na transmissão de energia elétrica, FURNAS foi designada para construir e operar o sistema de transmissão de Itaipu, que implicou na implantação de dois sistemas pioneiros, ligando a usina à região de São Paulo, com extensão superior a 800 km: o primeiro, corrente alternada 750KV e o segundo em corrente contínua mais ou menos 600 KV, necessária para contornar o problema de diferentes frequências utilizadas no Brasil e Paraguai.

Em ambos os casos, foi necessário absorção e desenvolvimento de tecnologia de ponta, devido à utilização pioneira tanto de correntes contínua quanto de novos equipamentos como compensadores-série, no também inédito sistema de 750 KV.

O pioneirismo técnico de Furnas no campo da transmissão e geração de energia elétrica é uma de suas principais características, destacando-se hoje o projeto de compensação-série chaveável a tridores, TCSC, em implementação, para controle de oscilações de potência na Interligação Norte-Sul.

FURNAS atua em grande parte das regiões Sul, Sudeste, Centro-oeste e no Distrito Federal, onde vive atualmente metade da população brasileira, consumindo 66% da energia elétrica produzida no país, e onde se situa 68% da produção industrial.

O sistema de FURNAS é composto por dez usinas hidrelétricas e 43 subestações. São mais de 18 mil KM de linhas de transmissão em tensões iguais ou superiores a 138KV. Todo complexo energético é supervisionado pelo Centro de Operações do Sistema, localizado no Rio de Janeiro, junto ao Centro de Supervisão de Telecomunicações, o que permite que todas as informações sejam transmitidas através das mais modernas tecnologias da área de comunicação.

FURNAS é também responsável pelo repasse de toda energia gerada pela Usina de Itaipu, com capacidade de 12.609MW, usando um sistema de transmissão híbrido, em corrente alternada, na tensão de 750KV, e em corrente contínua, na tensão de +- 600 KV.

Considerando sua capacidade de 9080MW e a comercialização da energia gerada em Itaipu, FURNAS é hoje responsável por 43% de toda a energia consumida no país. Devido ao acelerado crescimento da demanda por energia elétrica, da ordem de 6 a 7% por ano, torna-se necessário somar, anualmente, cerca de 3000MW novos ao sistema nacional. Para esse esforço da oferta de energia, o governo conta com a participação do capital privado, interessado em investir no setor. Dentro desse contexto, FURNAS já vem realizando alianças, começando pela construção da Usina Serra da Mesa (com capacidade total de 1275MW), em sociedade com o grupo empresarial VBC (Votorantim, Bradesco e Camargo e Camargo Corrêa). A Empresa participou, ainda, da implantação da interligação Norte-Sul, através de 1.275KM de linhas de transmissão, em 500KV, que entrou em operação comercial em março de 1999, proporcionando um ganho energético de cerca de 600MW médios anuais, sendo um fator fundamental para controlar os riscos de déficit de energia em todo o sistema elétrico nacional.

FURNAS também participa de contrato de importação da Argentina, responsabilizando-se por 70% da compra dos 1000MW de potência firme e energia associados desde 21 de junho de 2000.

FURNAS desenvolve diversos projetos, entre eles podemos citar a Estação de Hidrobiologia e Piscicultura, que foi criado em função do decreto-lei 221/67 regulamentado pela portaria nº 001/77, da antiga Superintendência de Desenvolvimento da Pesca-SUDEPE, uma das precursoras do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA, criado em 22 de fevereiro de 1989. O decreto surgiu da necessidade de minimizar os impactos causados ao meio ambiente inclusive pela construção das usinas hidrelétricas.

Um ano após a conclusão das obras, em fevereiro de 1976, a SUDEPE já aprovava o programa de trabalho da Estação de Hidrobiologia e Piscicultura. Esse Programa desenvolvido até hoje, é dividido em três áreas: piscicultura; avaliação das condições do ambiente aquático (imnologia) e amostragem e estudo das populações de peixes, moluscos e crustáceos.

Além das obrigações legais, FURNAS Centrais Elétricas S.A também vem apoiando projetos que auxiliam os municípios ligados à Usina. Além disso, vem atuando, ao longo dos últimos sete anos, no apoio de atividades ligadas à piscicultura.

Juntamente com a Associação dos Municípios do Lago de Furnas-ALAGO, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG), e o Serviço de Apoio À Pequena e Média Empresa (SEBRAE-MG), e o Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa (SEBRAE-MG), FURNAS firmou um convênio visando aumentar a produção de peixes através de tanques convencionais e tanques-rede. Essa parceria, além de diversificar a renda dos produtores rurais dos municípios lindeiros do lago de Furnas, proporcionou uma nova fonte de alimentação de baixo custo e alto valor nutritivo. Fez parte também do convênio a construção de duas unidades de produção de alevinos.

Desde 1999, Furnas, juntamente com a Prefeitura Municipal de São José da Barra (MG) e EMATER-MG, vêm doando alevinos para os produtores rurais. Ao recebê-los, eles se incumbem de seu crescimento e a seguir de comercializá-los. São também utilizados na alimentação de familiares do produtor rural.

FURNAS também mantém parceria com instituições de educação, entre as quais, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Federal de Minas Gerais (UFMG), Estado de Minas Gerais (UEMG), Estado de São Paulo (UNESP), Federal de São Carlos (UFSCar) e Federal de Lavras (UFLA). A Empresa mantém estreito relacionamento com Instituto de Pesca da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Estação de Hidrobiologia e Piscicultura de Três Marias, da Companhia de Desenvolvimento do Vale de São Francisco (CODEVASF), Centro Nacional de Pesquisas de Peixes Tropicais (CEPTA/IBAMA) e Estação de pesquisa e Desenvolvimento Ambiental da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG).

É importante mencionar que todos os dados acima sobre a fundação de FURNAS são materiais fornecidos pela Usina, porém a pesquisa refere-se ao Grande Lago do município de Tupaciguara. Diante disso, cabe agora fornecer informações sobre a construção da Usina que afetou diretamente a vida dos habitantes do município.

Em novembro de 1974 iniciou-se a construção da Usina de Furnas em Itumbiara, município de Goiás, divisa com Tupaciguara, município de Minas Gerais. E em abril de 1980 entra em operação comercial sua primeira unidade geradora.

A usina de Itumbiara foi projetada e construída rigorosamente dentro dos prazos estabelecidos nos cronogramas originais. A contribuição de firmas brasileiras nos empreendimentos foi de 97 %, atingindo índices inéditos de nacionalização neste tipo de obra.

A usina localiza-se no Rio Paranaíba, divisa de Goiás com Minas Gerais. A usina hidrelétrica de Itumbiara tem evidente importância, em termos de energia elétrica, ou seja, a usina fornecerá dois milhões e cem mil quilowatts para as regiões sudeste, centro-oeste e Brasília.

O custo total da Usina de Itumbiara foi de 730 milhões de dólares, inclusive os juros foram pagos durante a construção, o que representa 370 dólares por quilowatt instalado, um dos mais baixos índices do mundo, em obras atuais.

Um dos aspectos a ser destacado é o índice de nacionalização atingido pelas obras de Itumbiara: 91 %, o mais alto já alcançado em obras hidrelétricas, e todo o Brasil.

A utilização da avançada tecnologia de concreto possibilitou uma notável redução de consumo de cimento. Em comparação com obras anteriores, com a construção de FURNAS, houve em Itumbiara, uma economia equivalente a três milhões de sacos de cimento. Em relação a Maribondo, por exemplo, Itumbiara conseguiu que o custo desse material fosse reduzido em 9%.

Assim, a Usina Hidrelétrica de Itumbiara passou a se constituir em fator importante para o desenvolvimento do País. E hoje, Itumbiara significa uma realidade inteiramente nova, um nome que se dá a uma das cinco maiores hidrelétricas brasileiras.

A barragem da Usina Hidrelétrica de Itumbiara é de argila, seção homogênea, com cones de enrocamento junto às estruturas de concreto, se divide em dois maciços, sendo o direito com 3.700 metros de extensão e o esquerdo com 2.560 metros. A altura máxima sobre a fundação é de 106 metros e o comprimento das estruturas de concreto é de 520 metros.

O comprimento total da barragem de terra e estrutura de concreto é de 6780 metros. O volume total dos maciços de terra é de 35.538,200 metros cúbicos. As estruturas de concreto e a Casa de Força têm um volume total de 2.047.000 metros cúbicos.

A área de reservatório é 778 quilômetros quadrados, com volume de 17 milhões de metros cúbicos. Os trabalhos na área do reservatório tiveram início em julho de 1977 e compreenderam a construção de sete pontes e 52 pontilhões; relocação de linha de redes elétricas, de transmissão e telefônicas; relocação de 17,2 quilômetros de estradas municipais e de 364,7 quilômetros de estradas vicinais.

Além disso, foram construídas três balsas e seis rampas de concreto para ancoragem, e recolocação do trecho ferroviário Araguari-Goiandira. Com a ocupação de Furnas, a região recém-povoada, área do reservatório, tinha apenas, como núcleo residencial, a vila do Porto

Barreiro. Das 60 famílias que viviam nessa vila, 32 decidiram transferir-se, indo morar nas novas e melhores acabadas residências que FURNAS construíram para elas.

Após estudar diversas fontes alternativas, os administradores de FURNAS optaram pela utilização de projeto pioneiro: a energia solar, que é captada através de células fotovoltaicas e convertida em energia elétrica. Parte dessa energia alimenta os equipamentos de sismologia e transmissão de sinais para registro. A parcela restante é armazenada em baterias que entram em funcionamento durante a noite em dias de pouco sol.

Foi também em Itumbiara que Furnas começou a dispor de carros movidos a álcool. Devido às características dos serviços, esses carros foram utilizados no canteiro de obras. E o seu sucesso foi tão grande que a Frota de veículos de FURNAS foi aumentada e exclusivamente movida a álcool.

Os responsáveis por FURNAS mantiveram-se preocupados com a preservação da vida animal antes da construção da barragem, então, promoveram um estudo do ecossistema da região. Participaram do levantamento: a SUDEPE, o Instituto Butantã, a Fundação do Parque zoológico de São Paulo, o Hospital Vital Brasil e o Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.

O estudo foi apontado em três pontos: proteção da fauna de água utilizada pelas hidrelétricas; definição da metodologia geral para o povoamento da represa e aproveitamento dos peixes em confinamento, com base em dados coletados sobre a fauna existente e seu comportamento dentro do novo ecossistema, que formará a aclimação de animais de outras regiões.

Partindo da construção de FURNAS e toda a responsabilidade que a empresa demonstra, vimos que vários municípios participam de projetos de manutenção e preservação das biodiversidades das regiões onde foram alagadas. O que nos surpreende nessa pesquisa é que o município de Tupaciguara se encontra estagnado com relação a esses benefícios que deveriam ser fornecidos por FURNAS há mais de 20 anos.

Devemos mencionar aqui que todos os dados e informações sobre FURNAS são restritos, pois, há uma resistência dos administradores da Usina em ceder material para pesquisa. Portanto, todas as informações mencionadas acima foram retiradas de revistas publicadas por Furnas e pelo site da Usina.

Cabe então levantarmos questionamentos sobre o que ocorre no município que faz com que ninguém tome iniciativa de cobrar dos administradores de FURNAS as devidas compensações pelo alagamento, pois, percebemos que eles também não tiveram iniciativa de nenhum projeto que viesse beneficiar o município, que na época sofreu perdas econômicas, sociais e culturais.

Apesar de todas as dificuldades em conseguir material sobre FURNAS, não podemos deixar de citar o valor histórico da construção da Usina de FURNAS, pois, a inundação do Lago provocou mudanças significativas na vida da população Tupaciguarense no campo cultural, social e econômico. Após a inundação do Lago, hábitos e costumes foram modificados, portanto, jamais poderemos falar da história do município de Tupaciguara sem mencionar todas as transformações que o município sofreu devido à construção da Usina de FURNAS, ou seja, seria impossível falar da história do município na década de 80 em diante, sem mencionar as mudanças que FURNAS causou-lhe.

Nesses vinte anos desde o alagamento, diante de documentos que tivemos acesso do município, o único contato com Usina para se falar em compensações ao município pelas perdas que sofreu ao longo desses anos, foi percebido na fala do ex-prefeito Alexandre Berquó Dias no seguinte trecho da entrevista:

Eu vejo que a represa de Furnas já era uma realidade na época e eles deveriam ter cobrado, passaram 20 anos e ninguém cobrou. Passamos a cobrar agora, isso quer dizer que não podemos parar, lógico que naquela época seria mais fácil ter tratado com Furnas, o poder público municipal principalmente e o poder estadual deveria ter cobrado de FURNAS a compensação necessária, até a instalação do lago teria sido mais fácil, mas não fizeram. Isso não quer dizer que devemos desanimar, temos que continuar pensando em lidar com essa realidade e transformar o limão em limonada. Já que temos o lago vamos buscar uma forma melhor de desfrutar dele, que gere divisas e riquezas para nós. Temos FURNAS e eles têm recursos para ajudar o município, então vamos cobrar, montar projetos necessários porque com certeza o que falta para FURNAS são bons projetos pois, eles têm muito dinheiro, o que falta são projetos bons e é isso que a gente precisa fazer.⁹

⁹ ANEXOS. Entrevista com Ex-prefeito Alexandre Berquó Dias.

Enfim diante disso, vimos que falta muito para o município resgatar o tempo perdido, e o necessário é que sociedade e poder público tomem iniciativas em favor de criar projetos eficientes que possam buscar benefícios para o município, pois, vinte anos se passaram sem nada ser feito. FURNAS continua prosperando cada vez mais e o município de Tupaciguara parece que ficou esquecido pelas autoridades locais e por FURNAS. A impressão que temos é que não só a terra foi alagada como também a sua história.



Capítulo 3
A visão da sociedade com relação à represa de
FURNAS

É do tecido social entremeado pelas injustiças e glórias, pelas paixões e incertezas, pelas resistências e conformismos, pela dor e violência que o poeta e os historiados se servem. A história, assim como o canto, não pode ser uma traição à vida e, é claro que, para o historiador comprometido com a transformação social, só é justo historiar se a nossa história arrasta consigo a voz daqueles que jamais puderam expressar.¹⁰

Podemos afirmar que o município de Tupaciguara nasceu como uma cidade promissora, por vários motivos, alguns já mencionados nos capítulos anteriores, em especial pela localização geográfica e suas fronteiras com estado de Goiás e várias cidades do triângulo mineiro. Assim sendo, iremos analisar os fatores que poderiam promover o progresso mais rápido do município como aqueles que também impediram, de certa forma, o crescimento econômico da cidade.

Em especial esse capítulo trata da influência que a construção da Usina de Furnas teve sobre o município, levando em consideração as vantagens e desvantagens da construção da represa no município que envolve comunidade urbana, políticos, proprietários das terras que foram alagadas e os projetos de preservação e manutenção do Grande Lago.

Essa temática trata das questões relativas ao crescimento do município, o número de habitantes urbano e rural, os efeitos da represa sobre as famílias que foram desapropriadas de suas terras, a valorização das terras, transformações no espaço urbano, leis municipais que regulamentam o turismo, enfim, questões que envolvem mudanças e transformações no município, no espaço urbano e rural e, principalmente, na visão da comunidade sobre tais transformações.

Inicialmente, pensar na construção da Usina de Furnas seria pensar na modernidade para o município e as vantagens que isso traria. No entanto, devemos considerar duas vertentes, pois, baseados em depoimentos de pessoas que tiveram envolvidas com o processo de mudança, com certeza têm opiniões sobre os pontos positivos e negativos do alagamento das terras do município.

¹⁰ Caminhos das Pedras: inventário temático de fontes documentais: Uberlândia-1900/1980/Maria Clara Tomaz Machado, Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes (org.)-Uberlândia, EDUFU. 2007

No município de Tupaciguara, antes do alagamento, grande parte do comércio era feito com as cidades vizinhas de Goiás. Depois da construção da represa essas negociações tornaram-se escassas, pois, o acesso ficou mais difícil em alguns municípios que fazem divisas com Tupaciguara. Agora, só se chega a eles através de balsas. Portanto, essa questão já se apresenta como algo negativo para o município que diminuiu em grande quantidade suas negociações comerciais com o estado vizinho.

Tal fato pode ser comprovado através do depoimento do ex-prefeito do município Alexandre Berquó Dias:

FURNAS trouxe inicialmente a Tupaciguara muitos prejuízos, pois o município tinha uma relação muito forte com o Estado de Goiás na região de Corumbaíba, conhecida como região entre rios, uma cidade que fazia seu comércio em Tupaciguara, comprava as coisas no comércio de Tupaciguara, inclusive naquela época tínhamos dois hospitais e a zona rural era muito habitada ainda. Algumas pessoas afirmavam, eu não tenho certeza absoluta disso, mas diziam que entre as compensações que Furnas traria à Tupaciguara, estaria a criação de uma ponte onde continuaria a ligação comercial entre as regiões e um asfalto que desse acesso à ponte, o qual facilitaria a vinda do pessoal de Goiás. Porém, isso nunca foi concretizado.¹¹

Portanto, devemos analisar não só a visão do ex-prefeito de Tupaciguara como a de outras pessoas do município que se sentiram beneficiadas pelo processo de inundação e aquelas também que sentiram prejudicadas. No entanto, devemos nos preocupar, no geral, como o município reagiu após essa inundação em termos econômicos, sociais, culturais e políticos.

Até onde a pesquisa foi possível, realmente detectamos que, economicamente, o município teve diversas perdas com relação ao alagamento, pois, o que FURNAS havia prometido (compensar o município para que não houvesse a interrupção das negociações comerciais com os municípios vizinhos) não foi cumprido. Dessa forma, vários estabelecimentos comerciais do município foram fechados. Não podemos afirmar com certeza que a construção da Usina foi inteiramente responsável por essa questão, mas ao mesmo tempo temos que concordar

¹¹ ANEXOS. Entrevista com ex-prefeito Alexandre Berquó Dias.

que o aumento da distância entre os municípios vizinhos e a dificuldade de transportes influenciaram decisivamente na perda comercial de Tupaciguara nesse período.

Baseado no depoimento do ex-vereador Marciano de Paula Marques podemos notar que há também uma visão negativa e outra positiva do alagamento, porém ele deixa claro também sua visão com relação ao turismo e as mudanças culturais sofridas.¹²

Em questão de melhoras, foram várias no sentido de estar trazendo os produtores rurais que viviam às margens do Rio Paranaíba, pois, tiveram que subir o morro e vir para a serra e assim partir para um novo empreendimento, um novo desafio.

...também obviamente têm-se conseqüências, dentre elas uma mudança cultural, pois, alguns desses produtores que eram mais ligados à questão de que a beira do rio trazia mais rendimentos, vieram para o cerrado e tiveram uma dificuldade de adaptação. Dessa forma, não investiram na agricultura, alguns compraram casas, outros foram gastando seus dinheiros. A remuneração que receberam foram gastando ao longo dos anos e com isso houve uma desestruturação social e familiar, isso foi um lado negativo do barramento.

Houve um distanciamento das terras do município com relação às demais terras da região, com isso a população parecia se sentir isolada do lado de Goiás, que tinha muitas referências comerciais. Portanto, esse isolamento trouxe prejuízos para o município, no sentido de negociação com os municípios vizinhos.

... em nível de extensão de benefícios a barragem ao longo de todo o lago trouxe o turismo, uma agricultura voltada para mais tecnologia, trouxe também um agricultor mais empreendedor que se interessava em investir em tecnologia, tanto na pecuária como na agricultura. Nós temos hoje no município no mínimo quatro fazendas de genética de ponta da elite de gado nelores, de gado brandos, de leite, que é desenvolvido ao longo do lago e isso são benefícios para o nosso município em nível de desenvolvimento agropecuário.¹³

¹³ ANEXOS. Entrevista-Marciano de Paula Marques. Ex-vereador do município de Tupaciguara e diretor do Instituto BIOLAGO.

Como valiosos recursos serão admitidos, após o confronto das informações, os dados e fatos descobertos nos depoimentos e entrevistas, uma vez que Portelli afirma:

O testemunho oral tem sido amplamente discutido como fonte de informação sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido, como também, a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história.¹⁴

Para que possamos entender a outra face do alagamento tivemos que nos inteirar com a comunidade, pois, sem sombra de dúvida é a fonte mais rica e mais certa dos fatos da época. Baseados nessa afirmativa podemos citar as palavras de Portelli:

... as formas de exame e leitura dos dados são tão importantes quanto à construção da teoria e sempre ampliam as possibilidades criativas dessa construção. Não se trata, pois, de introduzir de fora uma reflexão que nada tem a ver com a realidade. E nem concordamos que a teoria seja algo pronto e acabado esperando por nós para adotá-la na forma de hipóteses, modelos etc.¹⁵

Portanto, as fontes orais serão extremamente importantes, pois, a partir delas esperamos que sejam extraídos dados que acusam, no mínimo, pálidas imagens do que de fato foi e o que de fato é, conforme a percepção e vivência dos cidadãos entrevistados, porém, essas fontes serão analisadas com o olhar crítico de historiador buscando fundamento no momento presente, e não confiando fielmente como fato pronto e acabado.

Diversas propriedades foram alagadas na época, no entanto, tivemos algumas dificuldades em localizar a maioria desses proprietários, pois, alguns mudaram da região, outros, logo após a inundação venderam a propriedade. Diante disso, o que temos são fatos contados pela comunidade, de como se deu o processo de compra das terras que foram alagadas. Com relação

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. 1ª ed. São Paulo, 1997.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. 1ª ed. São Paulo, 1997.

às informações que poderiam ser cedidas por FURNAS nos deparamos com uma grande resistência. Segundo funcionários responsáveis por essa documentação, todos os documentos estão arquivados e preservados, porém eles não podem ceder essa documentação para pesquisa.

Diante dessas dificuldades tivemos que nos conter mais com as fontes orais, que sem dúvida alguma são extremamente importantes, para que possamos compreender as mudanças que o município sofreu ao longo desse processo da implantação da Usina de FURNAS. Porém, devemos nos concentrar no presente e analisarmos como está hoje o município para que possamos investigar o passado através das fontes orais, pois, só assim poderemos chegar a uma conclusão que faça sentido, ou seja, nesse momento devemos ser bem investigativos e questionar as diversas possibilidades dos acontecimentos passados.

Diante disso poderemos nos permitir elaborar um ponto de vista crítico através do qual se pode ver o presente. Poderíamos nos indagar em que contexto do passado contado nas vozes da comunidade pode levar a discussão da idéia de transformação, a consciência da mudança e das perspectivas que se desdobram à frente de todos que viveram nessa época. Portanto, a grande questão seria: qual é a situação presente do município que nos leva a debruçar sobre o passado?

Poderemos explicar melhor essa estratégia de pesquisa se nos basearmos nas palavras citadas no artigo de Déa Ribeiro Fenelon:

Para não perpetuarmos visões de um passado mistificado, com acontecimentos cristalizados, com periodizações que pouco tem a ver com as perspectivas que queremos desvendar, há que definir uma concepção de presente, que nos permita atribuir significado ao passado, e mais, que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão e não de libertação, como deve ser.¹⁶

Levando em consideração a opinião da comunidade sobre o alagamento poderemos perceber a visão de mudança, na opinião de um dos moradores que foi desapropriado nesse período, ou seja, ele representa um entre vários que foram deslocados de suas terras, deixando para trás suas lembranças, hábitos e costumes, ele deixa claro sua impressão sobre os efeitos da Usina de Furnas na sua vida, porém pouco diz sobre esses efeitos no município. Devemos

¹⁶ LE GOFF, Jacques. Memória. Enciclopédia Einaudi, LISBOA, Imprensa Oficial, 1985.

ressaltar aqui que a maioria dos que foram desapropriados viviam isolados do município, raramente iam à cidade, isso nos leva a uma perda sobre as informações, sobre os efeitos que FURNAS causou na cidade, na visão dos desapropriados.

O agricultor Pacífico Lourenço Borges, desapropriado pela Usina de FURNAS, deixa em seu depoimento uma visão sobre o alagamento e seus efeitos, é nítido em suas palavras que para ele o represamento foi muito positivo.

Fiquei sabendo que em meados de 1972 teria essa represa na nossa região. Em 1976 eles começaram a fazer o levantamento, estiveram em minha casa para dizer sobre as benfeitorias e em 1977 vieram para acertar com a gente.

Hoje eu tenho bem mais terras que antes da barragem. Eu acho que levei vantagem, porque minhas terras eram secas, hoje ela está molhada pela represa, eu acho também que fui bem indenizado.

... o levantamento foi feito bem antes da época do acerto. Quando chamaram para negociação e houve várias negociações, propuseram um valor mais baixo, mas depois negociamos normalmente até que fechamos negócio.

...mas sempre vivi em fazenda, então não me lembro de nenhum comentário da cidade.¹⁷

Durante a pesquisa e dos vários depoimentos ouvidos da comunidade do município percebemos que um dos grandes efeitos que ocorreu no município foi o distanciamento das cidades vizinhas e a perda do contato direto com outras pessoas, onde já havia formado um ciclo de convivências e negociações comerciais. No entanto, um fator que é bem nítido nas falas da comunidade é que o alagamento negligenciou forças culturais importantes incluindo-se aí, a vida em família, os hábitos e costumes sociais dos diversos segmentos da população, a religiosidade e seu peso na formação das tradições, as festividades populares, as experiências, enfim, do viver no campo e na cidade em uma época de transformação e, sobretudo, os momentos mais importantes da configuração do se definir a dominação social e seus desdobramentos, em

¹⁷ ANEXOS. Entrevista com agricultor Pacífico Lourenço Borges.

construir outros elementos do viver, seja em hábitos de morar, de se alimentar, se divertir e expressar suas peculiaridades.

Grande parte da população desapropriada foi parar nas cidades onde investiram seu dinheiro em outros negócios deixando de lado o campo, porém com certeza se deparou com uma nova forma de vida, onde se via necessária a formação de um homem que correspondesse aos propósitos do progresso e da modernidade. Esse momento representa um choque cultural para essa comunidade, pois, isso significaria que os sentimentos e valores também estavam sendo modificados. Hoje, ainda é freqüente conversar com pessoas que relembram saudosistas os hábitos e costumes da vida rural e as festas religiosas que ocorriam nas fazendas, praticamente inexistentes atualmente, e as poucas que ainda ocorrem na área rural foram descaracterizadas. Muitas delas foram transferidas para a cidade, mas com poucas características religiosas, sendo a maioria voltada para a obtenção de lucros com a venda de bebidas, comidas e leilões durante vários dias da semana de festa.

Diante disso podemos notar que o represamento mudou e muito os hábitos da sociedade Tupaciguarense. Houve um grande deslocamento das pessoas do meio rural para o meio urbano, pois, muitos daqueles que foram indenizados por FURNAS desistiram de lidar com fazendas e foram para outros rumos. Tal fato contribuiu também para a diminuição da população do município já que muitos não permaneceram na região.

Considerando as diversas modificações sociais, culturais, econômicas e históricas que ocorreram no município não podemos deixar de mencionar a questão do turismo que foi um fator que surgiu somente após o represamento. Antes do alagamento o município ainda não possuía nenhum tipo de exploração turística, apesar do seu grande potencial.

O lago ocupa uma área de 778 quilômetros quadrados e está compreendido entre os maiores reservatórios artificiais de água doce do mundo. O grande Lago, como é denominado pelos municípios de entorno, banha do lado mineiro os municípios de Araguari, Araporã, Tupaciguara e Uberlândia e do lado goiano Água Limpa, Anhaguera, Buriti Alegre, Caldas Novas, Catalão, Corumbáiba, Cumari, Itumbiara, Marzagão, Morrinhos e Nova Aurora.

No município de Tupaciguara o grande atrativo turístico tem sido o Lago, onde diversas pessoas de todo o país e até mesmo visitantes estrangeiros passaram a ser atraídos pela pesca amadora e profissional em busca da fartura de espécies de peixes locais, em especial o Tucunaré.

Segundo o projeto BIOLAGO o surgimento do Grande Lago, em 1981, há pouco mais de vinte anos, transformou profundamente toda a região.¹⁸

As mudanças ocorridas não se detiveram apenas nos aspectos físico-ambientais, mas lógico e conseqüentemente em todo o contexto do município, visto que, a partir daquele marco, passaram a contar com uma nova realidade e possibilidades, algumas já mencionadas na pesquisa.

Com a formação do Grande Lago, ao longo do tempo, diversas espécies de peixes se reproduziram e puderam caracterizar o lago como um paraíso para a pesca. E, hoje, tanto amadores quanto profissionais de diversas localidades do país usufruem das possibilidades do lago durante todo o ano.

Uma revista tupaciguareense publicou:

O lago é visitado anualmente por milhares de pescadores esportivos e amadores, que se encantam com a quantidade e com a qualidade dos peixes nele existentes. Mas o destaque especial é o Tucunaré, que se reproduz nas águas do lago, que é considerado o 2º berço nacional da espécie, cedendo espaço apenas para o Rio Amazonas.¹⁹

Com o surgimento do lago, como já mencionamos anteriormente, diversas terras foram desapropriadas, porém em contrapartida uma grande extensão de ranchos e pousadas passaram a se destacar às margens do lago. As freqüentes visitas de turistas adeptos à pesca representam os pontos positivos do alagamento no município, pois, esta prática foi o grande impulso para o turismo que tem aumentado a cada ano.

Reconhecendo a importância do turismo para o município, nas entrevistas buscamos também diferentes opiniões sobre a questão do turismo no município, inclusive a preocupação com relação à preservação do meio ambiente, a criação de projetos e a postura política a respeito do assunto também é mencionada.

Dai é necessário citar na pesquisa o surgimento do Instituto BIOLAGO que se deu a partir de Fóruns que aconteceram nos municípios que são banhados pelo Lago. E do anseio de organizar as comunidades do entorno surgiu a idéia de um espaço de debate, um palco para as

¹⁸ Projeto BIOLAGO. 2004. P.4.

¹⁹ Revista Impacto. 2006, p.5.

discussões. O município de Tupaciguara-Mg, originalmente aquele que possui maior área inundada pelo Grande Lago do Paranaíba, começou a organização dos eventos.

As parcerias aconteceram entre as prefeituras dos municípios mineiros de Uberlândia, Araguari, Araporã e da goiana Itumbiara. As assembleias legislativas dos dois estados assumiram a coordenação dos trabalhos. Assim, em dezembro de 2001, com grande envolvimento das comunidades, aconteceu o I Fórum Interestadual de preservação e Desenvolvimento Sustentável do Grande Lago do Paranaíba.

Nesse Fórum Autoridades e lideranças políticas, ambientais e sociais reuniram-se, discutiram e traçaram rumos para o futuro da região. Diante dessas discussões surgiu a “carta de Tupaciguara” a qual podemos citar suas metas:

- Criação da APA do Grande Lago do Paranaíba
- Criação da CIPE do Rio Paranaíba
- Criação do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba
- Instalação de uma Patrulha Ambiental do Grande Lago do Paranaíba
- Inclusão da disciplina Educação ambiental na grade curricular dos municípios do entorno do Grande Lago do Paranaíba
- Levantamento e cadastramento dos pescadores profissionais do Grande Lago do Paranaíba
- Diagnóstico socioambiental do Grande Lago do Paranaíba
- Instalação de uma estação biológica no Grande Lago do Paranaíba²⁰

Devemos ressaltar aqui que, entre essas metas, a principal delas foi a abertura de um canal de diálogo com a direção de Furnas Centrais Elétricas, proprietária do reservatório e sua principal usuária. Logo após aconteceu um encontro com as autoridades de Furnas e demais autoridades políticas e ambientais da região e o então prefeito de Tupaciguara Alexandre Berquó Dias. Nesse contato ficou clara a disposição de Furnas em apoiar a criação de um órgão que pudesse unir os diversos segmentos da sociedade em torno de um objetivo comum em benefício do Lago e sua área de influência.

²⁰ Instituto BIOLAGO. 2004. P-07

Surgiu também uma parceria entre Furnas, prefeitura de Tupaciguara e produtores rurais do município com o objetivo de recuperar estradas, reduzindo o assoreamento no Grande Lago do Paranaíba.

A partir do II Fórum Interestadual de Preservação e Desenvolvimento Sustentável do Grande Lago do Paranaíba foi determinado que o objetivo principal seria a criação de um órgão gestor para encaminhar as propostas da “Carta de Tupaciguara”. Em outubro de 2003 foi aprovada a criação de um órgão gestor com a sugestão do nome “Instituto Interestadual para Gestão Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável da Região do Grande Lago do Paranaíba – Instituto BIOLAGO”.

A instalação da sede Provisória do Instituto BIOLAGO foi feita em Tupaciguara/MG. O objetivo desse projeto é de recuperação e manejo sustentável do Lago reservatório de Itumbiara (Grande Lago) e sua área de influência com vistas à sua conservação ambiental e utilização econômica.

Após o surgimento do BIOLAGO aconteceram vários eventos no município e região em busca de firmar os propósitos assumidos na criação do Instituto. Foram elaboradas Oficinas, seminários de mobilização, escolha de delegados, o III Fórum, assembléia geral, eleição e posse do Conselho Consultivo, aprovação do estatuto, eleição e posse da 1ª Diretoria do Instituto entre outras ações.

O III Fórum buscou muitas parcerias nos diversos segmentos, abrindo espaços também para o envolvimento das Escolas e a Sociedade Civil Organizada. As instituições de ensino tiveram espaço para exporem seus trabalhos científicos e de pesquisa relacionados ao meio ambiente. Aconteceram oficinas, feira ambiental, distribuição de mudas, apresentações culturais, vídeo documentário, exposição de fotografias e principalmente informações a toda a comunidade da preservação do Grande Lago.

Enfim o BIOLAGO é um órgão que atualmente se encontra engavetado, porém é inegável que é um projeto muito bem elaborado, com objetivos claros e urgentes sobre a preservação ambiental, conscientização e o desenvolvimento sustentável do município, em especial o Grande Lago. O que nos cabe perguntar é se ele vai ser reaberto no ano de 2009. Todos que participaram da fundação do projeto estão convictos de que na nova gestão política que se iniciará em 2009 e terá como prefeito Alexandre Berquó Dias, será dada continuidade ao projeto.

Diante disso, vimos que a política local é decisiva na continuidade de projetos, porém cabe à sociedade também cobrar essa continuidade e principalmente fiscalizar. No entanto, a sociedade Tupaciguarense parece se calar diante de projetos que beneficiarão o município, deixando tudo a cargo das decisões das autoridades políticas, que na maioria das vezes os analisam com descaso.

Para compreendermos a posição de políticos e da sociedade sobre o turismo no município e sua manutenção e preservação após a construção da Usina de Furnas, é necessário observamos trechos das entrevistas que dizem respeito ao assunto. Entre elas mais uma fala do ex-prefeito Alexandre Berquó Dias diz o seguinte:

...começamos a fazer um trabalho com Furnas e mostramos para eles uma coisa que eles já sabiam, e hoje estão mais preocupados com isso, pois o patrimônio deles é o lago.

...então diante disso nós tínhamos feito uma parceria com Furnas, onde nós faríamos os bolsões para segurar a água perto dos córregos, o trabalho de levantar as estradas nas regiões onde tem estrada municipal. Esse projeto, Furnas já havia considerado viável, nós já havíamos desenhado essa parceria de fazer em algumas propriedades que havia erosão o trabalho de trator de esteira ou trator de pneu fazendo curva de nível para o pequeno produtor rural. Então todos esses projetos do programa foram abandonados, o que nos deixa extremamente tristes, porque não é fácil criar uma relação amistosa com Furnas e nós estávamos fazendo a coisa de forma amistosa com propostas de parceria.

Já que temos o Lago vamos buscar uma forma melhor de desfrutar dele...

... então vamos cobrar , montar projetos necessários porque com certeza o que falta para Furnas são bons projetos pois, eles têm muito dinheiro, o que falta são projetos bons e é isso que a gente precisa fazer.²¹

Através desse depoimento percebemos a visão de um político no município. E foi justamente em sua gestão (2000-2004) que se iniciaram projetos que envolviam um contato direto

²¹ ANEXOS. Entrevista com ex-prefeito Alexandre Berquó Dias.

com Furnas, com objetivo de cobrar as devidas compensações que o município merecia e não foram cumpridas. Infelizmente a política local enraizada nas rivalidades pessoais e políticas impedem que projetos como esse se concretizem, pois, se não há mais ninguém para cobrar de FURNAS e dar continuidade aos projetos, com certeza essa atitude não partirá deles.

Através de documentos e depoimentos podemos considerar que Instituto BIOLAGO seria o gestor para a questão ambiental e a questão do turismo no Grande Lago do município de Tupaciguara, porém foi interrompido e engavetado, pois, iniciou-se um processo político municipal e a nova gestão não se preocupou em dar continuidade ao projeto.

Julgamos necessário também citar a opinião de Marciano de Paula Marques ex-vereador e presidente do Instituto BIOLAGO referente à questão:

O turismo é uma parte com visão muito ampla no nosso município, ainda falta que nossas autoridades locais se sensibilizem mais, se articulem mais, se mobilizem mais em prol do turismo do lago. Nós ainda não temos uma política definida para o lago, de gestão, de uso participativo do lago, não do uso do município de Tupaciguara como da região.

O Instituto só parou porque iniciou o processo político municipal e muita vaidade política, muita gente dizendo sim, com suas vaidades, nesse momento achamos melhor engavetarmos o processo por uma questão de prudência.

Nós já fizemos o despertar da comunidade, o despertar das autoridades, mas não obtivemos o respaldo necessário, pois tais autoridades entraram no jogo das vaidades políticas e nós nos sentimos desestimulados a dar continuidade aos projetos do Instituto BIOLAGO, que era um dos grandes mecanismos mobilizadores, articuladores, fomentadores e criador de gestão para o socioambiental em torno do lago Paranaíba.

...quando falamos da questão socioambiental a sociedade está inserida, a questão social é a demanda do comportamento o dia-a-dia da sociedade, geração de empregos, moradia, renda, qualidade de vida. A questão ambiental está ligada diretamente a esses fatores...

Se nós temos um trabalho socioambiental, aquele desempregado ou aquele pescador profissional desinformado, que é clandestino ou até mesmo predador, teremos também um trabalho sobre esse comportamento. Esse é o principal objetivo do Instituto BIOLAGO.²²

Vimos então a visão de dois cidadãos tupaciguarenses que também já ocuparam cargos políticos, diante disso percebemos que a maior parte de suas falas são direcionadas aos problemas da não continuidade do projeto de preservação do Grande Lago, decorrentes de questões políticas.

Em contrapartida devemos expor aqui a opinião de pessoas que não estão ligadas à política, ou seja, parte da sociedade que viu a inundação chegar e cobrir suas terras e pessoas que estão ligadas ao turismo, ou melhor, que tem como fonte de renda o turismo do Grande Lago.

Na fala do agricultor Pacífico Lourenço Borges vamos perceber que ele não tem muita informação sobre a preservação ambiental, pois, acredita que a inundação foi positiva com relação ao aumento de animais na região, o que pode ser confirmado na seguinte fala:

Hoje em dia devido à proibição eu acho que aumentou muito a quantidade de animais na região porque antes não tinha essa proibição da caça. Antes da represa você via menos animais que hoje, o povo deixou de caçar como antes, então no meu modo de ver hoje tem mais animais que antes.²³

E por último a pesquisa buscou também deixar registrada a visão de quem vive do turismo em Tupaciguara, onde convive com as dificuldades, com a falta de incentivo do poder público e conhece de perto o grande potencial turístico do município, podendo assim deixar suas opiniões sobre a melhoria do setor, chamando a comunidade a participar dessa causa, pois, com certeza o município só tem a ganhar se investir no turismo que, infelizmente, caminha lentamente. Diante disso citaremos algumas falas do guia de pesca Joadir de Brito (Juruna).

²² ANEXOS. Entrevista–Marciano de Paula Marques. Ex-vereador do município de Tupaciguara e presidente do Instituto BIOLAGO.

²³ ANEXOS. Entrevista com agricultor Pacífico Lourenço Borges.

De 2002 para frente melhorou bastante e o fluxo de turistas na represa também aumentou muito. Com relação aos políticos de Tupaciguara, estes têm feito muito pouco pelo turismo, eu acho que eles não têm noção do que o turismo da pesca pode gerar de lucros para o município, pois, pode contribuir com empregos, consumo de combustíveis, alimentos, lojas de material de pesca e outras mais.

Diante disso eu acho que ainda tem muito a ser feito pelo turismo, fizeram até uma lei de regimento da pesca na qual está enfatizado que o principal peixe a ser comercializado seria o Tucunaré, porém se isso não for feito junto à polícia florestal, não há fiscalização nenhuma.

O que falta muito para melhorar no nosso turismo são os regimentos das leis de pesca, infra-estrutura de sinalização, limpeza da beira das estradas, manutenção das estradas, porque é uma vergonha os turistas virem para nossa região e se depararem com estradas cheias de lixo, no meu modo de ver essas são algumas coisas que precisam ser melhoradas.

Nós montamos uma associação, na qual eu sou presidente, temos como objetivo conscientizar guias de pesca, mostrar para eles que o importante de ter turista aqui não é o fato de eles gastarem bastante dinheiro e levarem um caminhão de peixe, eles têm que compreender que todo lugar tem regras e devem ser cumpridas. O turista tem que vir e levar uma boa imagem de nossa cidade, valorizar a nossa preocupação em relação à preservação.²⁴

Enfim esses testemunhos retratam a situação do município em vários setores, mostrando as diversas visões da sociedade Tupaciguarense diante das mudanças e transformações que o município sofreu após o represamento. Porém, percebemos que ao longo dos 20 anos que se passaram da inundação nada foi feito efetivamente para compensar o município de suas perdas econômicas, sociais, culturais e históricas. Estamos presenciando a cada dia o descaso em relação à preservação e manutenção da história do município.

²⁴ ANEXOS. Entrevista com guia de pesca Joadir de Brito (Juruna)

Considerações finais

O município de Tupaciguara nesses vinte anos passados desde a inundação seguiu sem nenhum progresso significativo, pois, como vimos durante toda a pesquisa não houve preocupação nem do município nem das autoridades de FURNAS em compensar o município pelas perdas.

Diante disso a sociedade Tupaciguarense permaneceu parada no tempo, sem oportunidades de crescimento econômico, cultural e social. O município a cada ano que passa oferece menos vagas de emprego, o que faz com que a juventude se sinta forçada a mudar para as grandes cidades, conseqüentemente isso tem causado o efeito da diminuição da população, principalmente na faixa etária dos adolescentes, pois, a cidade está se transformando num lugar de pessoas mais velhas.

No campo social e cultural o município tem deixado a desejar também, não existem mais cinemas, clubes para festas noturnas funcionam raramente, a maioria dos bares que funcionavam aos finais de semana foram fechados, ou seja, o lazer do município também sofreu as conseqüências desse retrocesso. Os espaços sociais estão cada vez mais extintos, o ponto de encontro da sociedade Tupaciguarense hoje se resume à praça central e à algumas festas tradicionais, que ainda ocorrem durante alguns meses do ano, na maioria das vezes festas de caráter religioso.

Por outro lado acreditávamos que a inundação do Lago Parnaíba traria benefícios para o turismo, vimos que isso também não ocorreu. Hoje o turismo baseia-se praticamente na prática da pesca amadora e profissional, não podemos negar que atrai turistas de todo o Brasil, porém sabemos que o potencial turístico do município está além disso. A falta de projetos e incentivos deixa o setor um tanto quanto precário. Este setor poderia trazer muitos benefícios para o município inclusive na área de empregos temporários e no campo econômico, pois, com a vinda de turistas com certeza todos os setores do comércio local poderiam usufruir desses benefícios.

O que vimos acontecer ao longo desses anos foi o poder público local se preocupar em inaugurar obras aos finais de seus mandatos para conquistar novos votos e se manter no poder. Exibem obras e realizações como se fossem conforto e benefícios para o progresso, sendo que na maioria das vezes são obras básicas para o município.

Podemos afirmar que o município de Tupaciguara nasceu da perspectiva do progresso, devido a vários fatores, entre eles a localização geográfica onde faz fronteira com vários municípios de Goiás e grandes centros comerciais de Minas Gerais, porém esse crescimento

depende em grande parte do interesse da política local. Entre esses interesses deveriam estar a preocupação com o crescimento populacional, taxa de mortalidade, transformações no espaço urbano, novas edificações, leis que regulamentam o espaço, receitas orçamentárias, aumento da arrecadação, reforma de prédios públicos, enfim, medidas que envolvam mudanças dentro de seu tempo, ou seja, mudanças no espaço urbano que são essenciais para viabilização do crescimento e da vida da cidade.

Assim sendo, o desenvolvimento econômico que o município usufruía na década de 60 e 70, foi sendo reduzido aos poucos dos anos, principalmente após a inundação do Lago Paranaíba. Cabe agora então às autoridades locais atuais juntamente com as autoridades de FURNAS recuperarem o tempo perdido no município buscando novas alternativas que façam com que o município volte a caminhar rumo ao progresso. Não podemos deixar de mencionar que cabe também à sociedade cobrar essas mudanças, pois, a situação do município só se encontra dessa maneira porque a sociedade é conivente com as atitudes do poder público local.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Neto, Antônio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BIOLAGO, Instituto Interestadual de Preservação e Desenvolvimento Sustentável da Região do Grande Lago do Paranaíba. Tupaciguara, 2004

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Ed.34.2000.

DOCUMENTÁRIO: Tupaciguara – A Terra da Mãe de Deus. Triângulo Mineiro. Produção de Júlio Antônio de Soares. Metrópole Filmes do Brasil.1960.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo? História & perspectivas, Uberlândia, 6-5-23. Jan/Jun.1992

KENT, Dennis. Tupaciguara para Principiantes. 1ª Ed. Uberlândia: MDComn,2002.

LE GOFF, Jacques. Memória. Enciclopédia Einaudi, LISBOA, Imprensa Oficial, 1985

LEMES, José. IMPACTO, julho de 2006 – Ano VIII. 17ª Ed. Tupaciguara, 2006.

MACHADO, Maria Clara T.; LOPES, Valéria Maria Queiroz C. Caminhos das Pedras: inventário temático de fontes documentais: Uberlândia-1900/1980. -Uberlândia, EDUFU. 2007

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: Direitos ao Passado. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. 1ª Ed. São Paulo, 1997.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. Revista Brasileira de História. São Paulo, 1995. V. 15, nº 30.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. Revista Brasiliense de História, São Paulo, V.9, n.19, p.220, 1990.

www.furnas.com.br acessado em 15/10/2008 às 14h15min h.

Anexos

Entrevista 1

Marciano Teles Marques – Ex-vereador do município de Tupaciguara e Presidente do Instituto BIOLAGO

Pergunta 1: Qual a sua opinião como político e como cidadão Tupaciguarense sobre a formação do Grande Lago ? Você acha que o represamento trouxe melhorias ou danos para o município?

Resposta: Em questão de melhoras, foram várias no sentido de estar trazendo os produtores rurais que viviam às margens do Rio Paranaíba, pois, tiveram que subir o morro e vir para a serra e assim partir para um novo empreendimento, um novo desafio. Por outro lado, os benefícios que trouxeram as mudanças, a quebra de paradigma, uma nova construção, ou seja, uma nova Tupaciguara, trouxe também, obviamente, conseqüências, dentre elas uma mudança cultural, pois, alguns desses produtores que eram mais ligados à questão de que a beira do rio trazia mais rendimentos, vieram para o cerrado e tiveram uma dificuldade de adaptação. Dessa forma não investiram na agricultura, alguns compraram casas, outros foram gastando seus dinheiros. A remuneração que receberam foram gastando ao longo dos anos e com isso houve uma desestruturação social e familiar, isso foi um lado negativo do barramento. Existem duas vertentes, duas visões, a negativa e a positiva. Na negativa enfatizamos a separação em nível territorial do município, pois, houve um distanciamento das terras de Goiás, no sentido sudeste e noroeste. Houve um distanciamento das terras do município com relação às demais terras da região, com isso a população parecia se sentir isolada do lado de Goiás, que tinha muitas referências comerciais. Portanto, esse isolamento trouxe prejuízos para o município, no sentido de negociação com os municípios vizinhos. Já em nível de extensão de benefícios, citamos a barragem ao longo de todo o lago trouxe o turismo, uma agricultura voltada para mais tecnologia, trouxe também um agricultor mais empreendedor que se interessava em investir em tecnologia, tanto na pecuária como na agricultura. Nós temos hoje no município no mínimo quatro fazendas de genética de ponta da elite de gado nelores, de gado brandos, de leite, que é desenvolvido ao longo do lago e isso são benefícios para o nosso município em nível de desenvolvimento agropecuário.

O turismo é uma parte com visão muito ampla no nosso município, ainda falta que nossas autoridades locais se sensibilizem mais, se articulem mais, se mobilizem mais em prol do turismo do lago. Nós ainda não temos uma política definida para o lago, de gestão, de uso participativo do lago, não do uso do município de Tupaciguara como da região. Nós começamos em 2003 um trabalho, uma iniciativa da questão do BIOLAGO. Conseguimos montar o Instituto BIOLAGO, porém hoje está engavetado, mas ele existe de fato e de direito. O Instituto só parou porque se iniciou o processo político municipal com muita vaidade política, muita gente dizendo sim com suas vaidades, então, nesse momento achamos melhor engavetarmos o processo por uma questão de prudência. Nesse sentido, levamos em consideração que deveríamos aguardar o momento certo para despertar nossas autoridades, levando em consideração um ponto crítico, que estamos fazendo isso de forma muito consciente. Nós já fizemos o despertar da comunidade, o despertar das autoridades e não obtivemos o respaldo necessário, pois tais autoridades entraram no jogo das vaidades políticas e nós nos sentimos desestimulados a dar continuidade aos projetos do Instituto BIOLAGO que era um dos grandes mecanismos mobilizadores, articuladores, fomentadores e criador de gestão para o socioambiental em torno do lago Parnaíba.

Pergunta 2 : O Instituto BIOLAGO seria o gestor para a questão ambiental e a questão do turismo no Grande Lago do município de Tupaciguara?

Resposta: Sim, a questão do turismo e a questão social, porque quando falamos da questão socioambiental a sociedade está inserida. A questão social é a demanda do comportamento do dia-a-dia da sociedade, geração de empregos, moradia, renda, qualidade de vida. A questão ambiental está ligada diretamente com esses fatores, se você tem um lago protegido, os mananciais que dão retorno hídrico para o lago, as nascentes dos rios, os lagos em torno do rio estão preservados, produtores conscientes que não jogam agrotóxicos, não desmatam as margens desses córregos, conseqüentemente teremos uma abundância maior de água, uma qualidade maior da água e dos peixes, do pescado em geral. Se nós temos um trabalho socioambiental, aquele desempregado ou aquele pescador profissional desinformado, que é clandestino ou até mesmo predador, teremos também um trabalho sobre esse comportamento. Esse é o principal objetivo do Instituto BIOLAGO, apesar de estarmos com as atividades suspensas, continuamos trabalhando

na formação de novas opiniões em prol dos benefícios que o município pode tirar do grande lago do Paranaíba.

Entrevista 2

Pacífico Lourenço Borges – Agricultor que teve suas terras cobertas pela barragem de Furnas

Pergunta 1 – Quando o senhor ficou sabendo que suas terras seriam cobertas pela represa de Furnas?

Resposta: Fiquei sabendo em meados de 1972 que teria essa represa na nossa região. Em 1976 eles começaram a fazer o levantamento, estiveram em minha casa para dizer sobre as benfeitorias e em 1977 vieram para acertar com a gente.

Pergunta 2 – Antes da represa o senhor tinha mais ou menos terras?

Resposta: Hoje eu tenho bem mais terras que antes da barragem.

Pergunta 3 – Em sua opinião o represamento foi vantajoso ou prejudicial para os agricultores?

Resposta: Eu acho que levei vantagem porque minhas terras eram secas, hoje ela está molhada pela represa, eu acho também que fui bem indenizado.

Pergunta 4 – O que senhor pode me dizer sobre as datas que iniciaram o represamento?

Resposta: Foi no dia 28/10/1979, foram fechando a represa, eu me lembro bem disso.

Pergunta 5 - Já que o senhor acha que levou vantagem com o represamento, o senhor chegou a conhecer algum agricultor que saiu prejudicado?

Resposta: Bom, aquelas pessoas que não aplicaram o dinheiro de imediato compraram outras terras ou aplicaram em outros imóveis. Eu acho que se deram mal, essas coisas financeiras tem que correr atrás e rápido.

Pergunta 6 – O senhor sempre viveu nessa região? Como se chama essa região? O senhor nasceu aqui?

Resposta: Nasci no córrego da mata, mas tudo faz parte dessa região da fazenda São José do Paranaíba.

Pergunta 7- Quando o pessoal de Furnas veio fazer o levantamento para falar com os agricultores da região, o senhor lembra-se das propostas iniciais?

Resposta: Sim, o levantamento foi feito bem antes da época do acerto. Quando chamaram para negociação e houve várias negociações, propuseram um valor mais baixo, mas depois negociamos normalmente até que fechamos negócio.

Pergunta 8 - Nesse período da notícia do represamento, o senhor se lembra se houve comentários na cidade sobre essa represa que iria cobrir suas terras?

Resposta: Bom, eu acredito que deve ter tido sim, mas sempre vivi em fazenda então não me lembro de nenhum comentário da cidade.

Pergunta 8 - Com relação aos animais existentes antes do represamento, o senhor acha que diminuiu ou aumentou a quantidade deles após o represamento?

Resposta: Hoje em dia devido à proibição eu acho que aumentou muito a quantidade de animais na região porque antes não tinha essa proibição da caça. Antes da represa você via menos animais que hoje, o povo deixou de caçar como antes, então no meu modo de ver hoje tem mais animais que antes.

Entrevista 3

Joadir de Brito (Juruna) – Guia de pesca profissional

Pergunta 1 – Há quanto tempo você tem esse convívio com a represa? Você conhece a represa antes da barragem de Furnas?

Resposta: Conheço a represa antes da barragem, pois, meus pais moravam numa fazenda que se localizava próximo à ponte João Pinheiro, só conheci a margem da ponte porque a gente morava na fazenda. Após esse período conheço a represa depois da barragem já tem uns 20 anos, porque eu trabalhei na cidade em uma indústria e aos finais de semana vinha pescar na represa. O pessoal para quem eu trabalhava tinha um rancho próximo à represa, a partir daí larguei meu trabalho na cidade e passei a ser guia de pesca, como a procura por guias de pesca estava grande compensava eu largar o trabalho e me dedicar a esse ramo.

Pergunta 2- No seu ponto de vista quando você começou definitivamente a trabalhar como guia de pesca, desse período para frente o que você tem percebido com relação à represa? Como é a participação dos políticos locais no ramo do turismo? Você acha que tem melhorado ou piorado o turismo em nossa região? Qual sua opinião sobre essas questões?

Resposta: Com relação à represa tem oscilações de água que influenciam muito na pesca, pois, quando a represa está mais cheia os peixes reproduzem mais. Durante os anos que trabalhei como guia, de 1999 a 2001, foi muito ruim para o turismo o fato da represa não estar muito cheia, ficando em média de 70% de água, então os peixes não reproduziram muito e a procura também diminuiu. De 2002 para frente melhorou bastante e o fluxo de turistas na represa também aumentou muito. Com relação aos políticos de Tupaciguara, estes têm feito muito pouco pelo turismo, eu acho que eles não têm noção do que o turismo da pesca pode gerar de lucros para o município, pois, pode contribuir com empregos, consumo de combustíveis, alimentos, lojas de material de pesca e outras mais. Diante disso eu acho que ainda tem muito a ser feito pelo turismo, fizeram até uma lei de regimento da pesca na qual está enfatizado que o principal peixe a ser comercializado seria o Tucunaré, porém se isso não foi feito junto à polícia florestal, não há fiscalização nenhuma. O que acontece é que muita gente por não ter trabalho na cidade, pratica a

pesca sem carteira de autorização, o que torna essa prática um crime ambiental já que não possuem autorização para pesca muito menos para comercializar os peixes.

Pergunta 3 – Tupaciguara hoje possui alguns hotéis na beira do lago Paranaíba para acomodar os turistas da pesca esportiva, você acha que esses hotéis estão dentro do padrão de qualidade? No seu ponto de vista esses hotéis atendem às necessidades dos turistas ou precisam ser melhorados?

Resposta: Olha os hotéis que temos são bons, são quatro hotéis ao todo e no meu ponto de vista estão bem estruturados para receber os turistas, inclusive recentemente pesquei com americanos e eles ficaram satisfeitos. O que falta muito para melhorar no nosso turismo são os regimentos das leis de pesca, infra-estrutura de sinalização, limpeza da beira das estradas, manutenção das estradas, porque é uma vergonha os turistas virem para nossa região e se depararem com estradas cheias de lixo, no meu modo de ver essas são algumas coisas que precisam ser melhoradas.

Pergunta 4 – No ano de 2007 houve um torneio de pesca, já que você foi um dos organizadores desse torneio, você acha que o torneio é um divulgador da cidade de Tupaciguara quanto à questão da pesca esportiva?

Resposta: Sem dúvida esse torneio a gente fez com parceria com várias empresas nacionais que o patrocinaram, pelo fato de já termos ido a São Paulo em feiras de pesca várias vezes, a gente fez intercâmbio com várias empresas, então o torneio foi em nível nacional com bastante divulgação inclusive pela internet. Foi um torneio no qual os peixes pegos foram soltos novamente na represa para preservação, pois, é o que o turismo precisa para progredir.

Questão 5 – Você faz parte de uma associação de pesca? Para que serve essa associação?

Resposta: Nós montamos uma associação, na qual eu sou presidente, temos como objetivo conscientizar guias de pesca, mostrar para eles que o importante de ter turista aqui não é o fato de eles gastarem bastante dinheiro e levarem um caminhão de peixe, eles têm que compreender que todo lugar tem regras e devem ser cumpridas. O turista tem que vir e levar uma boa imagem de nossa cidade, valorizar a nossa preocupação em relação à preservação ambiental também.

Questão 6 - Tem alguma questão que você gostaria de ressaltar com relação à pesca esportiva? Dificuldades do turismo na região? Ou outro comentário qualquer?

Resposta: Gostaria de ressaltar que em Tupaciguara, realmente, falta muito incentivo político com relação ao turismo, que os governantes locais deveriam se informar mais, pois, o potencial turístico no município é muito grande e devemos lembrar que Tupaciguara não é conhecida somente pelo carnaval, mas principalmente pela pesca do Tucunaré, e lembrar que foi esta cidade um dos primeiros lugares da região sudeste onde pescaram o maior Tucunaré fora da Amazônia.

Entrevista 4

Alexandre Berquó Dias - Ex – prefeito de Tupaciguara (gestão 2001-2004)

Pergunta 1 – O que o senhor poderia dizer sobre o processo de represamento do Rio Paranaíba? Do ponto de vista político e como cidadão quais foram os efeitos desse represamento? O senhor acha que foi mais positivo ou negativo para o município?

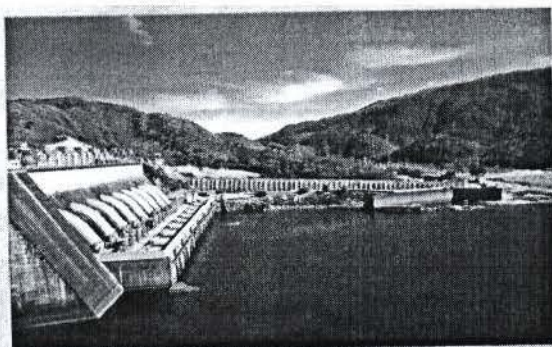
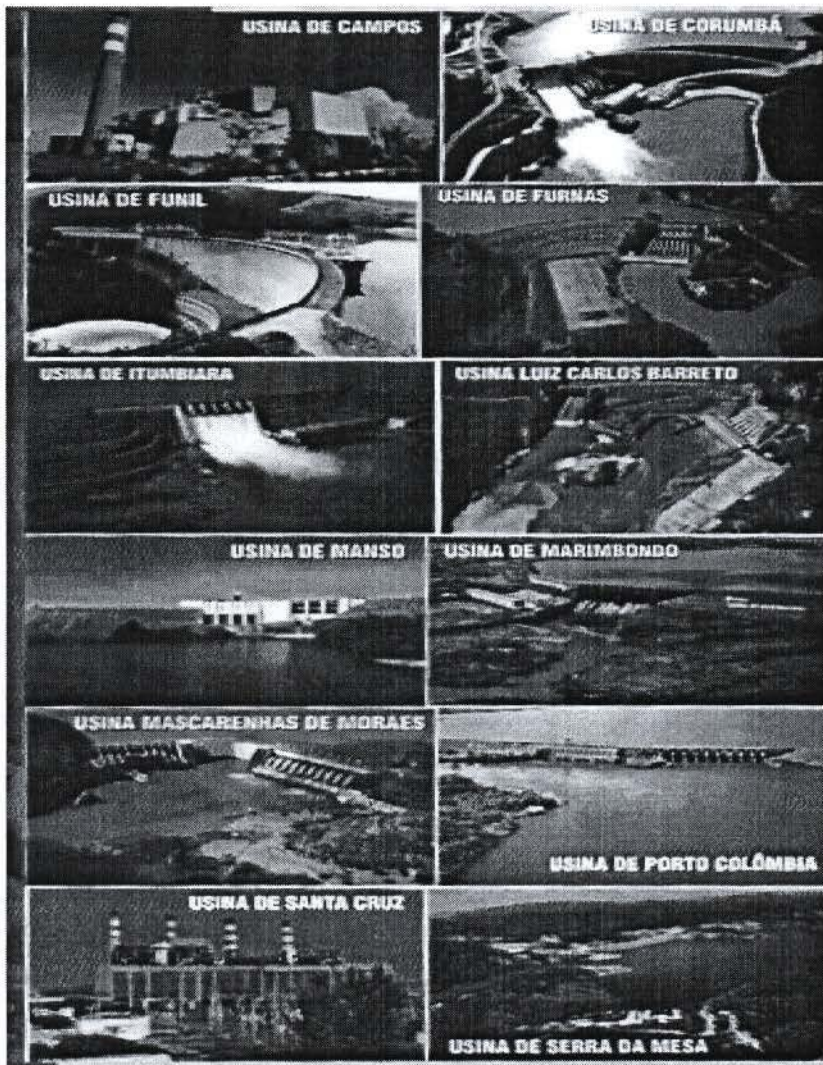
Resposta: FURNAS trouxe inicialmente a Tupaciguara muitos prejuízos, pois o município tinha uma relação muito forte com o Estado de Goiás na região de Corumbaíba, conhecida como região entre rios, uma cidade que fazia seu comércio em Tupaciguara, comprava as coisas no comércio de Tupaciguara inclusive naquela época tínhamos dois hospitais e a zona rural era muito habitada ainda. Algumas pessoas afirmavam, eu não tenho certeza absoluta disso, mas diziam que entre as compensações que Furnas traria à Tupaciguara estaria a criação de uma ponte onde continuaria a ligação comercial entre as regiões e um asfalto que desse acesso à ponte, o qual facilitaria a vinda do pessoal de Goiás. Porém, isso nunca foi concretizado, quem tiver a curiosidade de comprovar isso basta ir ao bairro Olaria e entrar para o lado da Balsa que vão ver um pedacinho de asfalto. Esta é a prova do lançamento da pedra fundamental da ponte e do asfalto, porém fizeram um pedacinho de asfalto, a ponte e o resto do asfalto nunca apareceram. Então começamos a fazer um trabalho com Furnas e mostramos para eles uma coisa que eles já sabiam, e hoje estão mais preocupados com isso, pois o patrimônio deles é o lago. Podemos dizer que não temos que cuidar do lago porque o lago nunca vai acabar. Talvez acabar não, mas, com

certeza todo ano ele vai diminuir um pouco o reservatório de água. A grande causa disso são as erosões de terra, de areia e de matéria orgânica que corre para dentro do lago, isso automaticamente diminui a capacidade de reservar a água que ele tem, talvez ele continue com o mesmo tamanho, mas com menos água. Grande parte dessa terra vem de estradas que são feitas às margens dos córregos, então diante disso nós tínhamos feito uma parceria com Furnas, onde nós faríamos os bolsões para segurar a água perto dos córregos, o trabalho de levantar as estradas nas regiões onde tem estrada municipal. Esse projeto Furnas já havia considerado viável, nós já havíamos desenhado essa parceria e fazer em algumas propriedades que havia erosão o trabalho de trator de esteira ou trator de pneu fazendo curva de nível para o pequeno produtor rural. Então todos esses projetos do programa foram abandonados o que nos deixa extremamente tristes, porque não é fácil criar uma relação amistosa com Furnas e nós estávamos fazendo a coisa de forma amistosa com propostas de parceria. Nós não estávamos lá colocando a faca no pescoço deles e muito menos os maltratando. Eles trouxeram para as nossas escolas um programa de educação ambiental, musical e educacional que é um programa que se chamava “O Tom do Pantanal”, é um projeto do Tom Jobim feito através do pessoal da Rede Globo e para ser implantado nas escolas do município. Nós sugerimos naquela época para Furnas, porque nós não faríamos um projeto “O Tom do Pantanal”, é uma história extremamente bem feita, com equipe da Rede Globo, inclusive o pessoal da Globo veio treinar os professores da rede municipal que iria implantar o projeto, vieram DVD, CD na época. Nesse mesmo período começamos a conversar com Furnas para criarmos outro projeto porque o “O Tom do Pantanal” é um projeto muito bonito, mas conta histórias do pantanal mato-grossense, então sugerimos que criássemos o projeto “o Tom do Cerrado” porque aí iria ser um programa de educação, porque lá no projeto eles mostram todas as riquezas do pantanal, tudo que tem de biodiversidade no pantanal para as crianças. Porém essa é uma realidade que não é nossa, então se criasse “O Tom do Cerrado” seria importante para nossas crianças. Eu vejo que a represa de Furnas já era uma realidade na época e eles deveriam ter cobrado, passaram 20 anos e ninguém cobrou. Passamos a cobrar agora, isso quer dizer que não podemos parar, lógico que naquela época seria mais fácil ter tratado com Furnas, o poder público municipal principalmente e o poder estadual deveria ter cobrado de FURNAS a compensação necessária, até a instalação do lago teria sido mais fácil, mas não fizeram. Isso não quer dizer que devemos desanimar, temos que continuar pensando em lidar com essa realidade e transformar o limão em limonada. Já que temos o lago vamos buscar

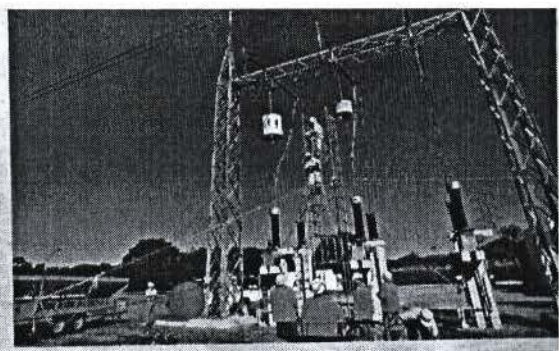
uma forma melhor de desfrutar dele, que gere divisas e riquezas para nós. Temos FURNAS e eles têm recursos para ajudar o município, então vamos cobrar montar projetos necessários porque com certeza o que falta para FURNAS são bons projetos, pois, eles têm muito dinheiro, o que falta são projetos bons e é isso que a gente precisa fazer.

Pergunta 2 – O que o senhor pode dizer sobre o Instituto BIOLAGO, ele existia na época do Fórum? Foi apenas uma criação do município de Tupaciguara ou ele já existia?

Resposta: O Instituto BIOLAGO foi criado durante o Fórum, foi tirado de dentro do Fórum como todos sabem, tudo que começa, eu acredito que o poder público deva ser o gestor de tudo que exista no município e deve ser o indutor das coisas do município. Criam-se os Institutos para que eles sejam independentes, mas ao mesmo tempo, tem que se considerar que não tem como um Instituto tão novo, tão frágil tornar-se independente do dia para noite, sem a participação e incentivos do poder público, até que ele consiga os convênios necessários. Então, eu acredito que se o poder público tivesse continuado com incentivos ao Instituto BIOLAGO talvez hoje ele tivesse alcançado sua maturidade, talvez pudesse caminhar por suas próprias pernas, mas como ele não tinha recursos, nem incentivos, pois foram cortados, não deslanchou. Pior que cortar os incentivos é o que faz o processo político de Tupaciguara, não corta só os incentivos, corta também a cabeça de alguém que quer fazer alguma coisa, ele corta língua de quem quer falar alguma coisa, corta as pernas de quem quer caminhar. Portanto, se não ajudasse, mas também não atrapalhasse talvez as coisas estivessem caminhando melhor do estão hoje. Mas eles fazem o contrário, atrapalham ao invés de incentivarem, essa é realidade que eu vejo hoje. O Instituto BIOLAGO ainda existe e com certeza vai ser retomado todo esse projeto com parcerias que nos ajudarão a retomá-lo.



Usina de Mascarenhas de Moraes



Manutenção em subestação energizada